



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFROBRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

ELOÍSA HELENA SANTOS

**LITERATURA AFRO-BRASILEIRA:
LUIZ GAMA SÍMBOLO DA RESISTÊNCIA AO SISTEMA ESCRAVAGISTA E
PRECURSOR DO DISCURSO LITERÁRIO ANTIRRACISTA**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2019

ELOÍSA HELENA SANTOS

**LITERATURA AFRO-BRASILEIRA:
LUIZ GAMA SÍMBOLO DA RESISTÊNCIA AO SISTEMA ESCRAVAGISTA E
PRECURSOR DO DISCURSO LITERÁRIO ANTIRRACISTA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras – Língua Portuguesa do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade Federal da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciado em Letras.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Vânia Vasconcelos.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2019

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

S234I

Santos, Eloísa Helena.

Literatura afro-brasileira : Luiz Gama símbolo da resistência ao sistema escravagista e precursor do discurso literário antirracista / Eloísa Helena Santos. - 2019.

34 f.

Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2019.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Vânia Maria Ferreira Vasconcelos.

1. Antirracismo - Brasil. 2. Literatura afro-brasileira - História e crítica. I. Gama, Luiz, 1830-1882 - Crítica e interpretação. II. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 869.09

ELOÍSA HELENA SANTOS

**LITERATURA AFRO-BRASILEIRA:
LUIZ GAMA SÍMBOLO DA RESISTÊNCIA AO SISTEMA ESCRAVAGISTA E
PRECURSOR DO DISCURSO LITERÁRIO ANTIRRACISTA**

Trabalho para Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade Federal da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), pela respectiva banca examinadora:

Aprovado em 04 de abril de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Vânia Vasconcelos – Orientadora

Curso Licenciatura em Letras

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
(UNILAB)

Prof^a. Dr^a. Lílían Paula Serra e Deus

Curso Licenciatura em Letras

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira
(UNILAB)

Prof^a. Dr^a. Maria Cláudia Cardoso Ferreira

Curso Licenciatura em História

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
(UNILAB)

AGRADECIMENTOS

Aos meus familiares. Meus avôs que desde criança, fizeram questão de me ensinar o respeito aos outros, sobretudo a minha avó, mulher guerreira, referência na minha vida,
A minhas tias-mães pelo cuidado e dedicação que sempre tiveram,
Aos meus primos, em especial Kleber e André, pois se não fosse por eles eu não estaria aqui,
Aos professores, pelos ensinamentos não só acadêmicos, mas de vida,
A minha Orientadora Dr^a Vânia Vasconcelos por me apresentar a Literatura afro-brasileira.

O que sou e como penso,
Aqui vai com todo o senso,
Posto que já veja irados
Muitos lorpas enfunados,
Vomitando maldições
Contra as minhas reflexões.

“Luiz Gama”

RESUMO

A literatura afro-brasileira desde a colonização e até bem pouco tempo é responsável pela sacralização da visão histórica do elemento branco, relegando aos negros papéis secundários e estereotipados. Com o propósito de subverter essas imagens apresentaremos um breve estudo sobre a vertente literária afro-brasileira assim como uma análise da vida e da obra de Luiz Gama.

Palavras-chave: Antirracismo - Brasil. Gama, Luiz, 1830-1882 - Crítica e interpretação.
Literatura afro-brasileira - História e crítica.

RIZUMU

Literatura brasileru disna di colonizason té pukuu tempu i responsável pa sacralizason di vison historiku di elementu branku, i dixa pa negros papeis secundários e isteriotipadus. Ku obetivu di subverter e imagi nona apresenta um breve studi di vertenti literária afro-brasileru, assim kuma um analizi di vida ku obra do poeta Luiz Gama.

Palavras-chavi: Afro-Brasiliaanse Literatuur - Geskiedenis en kritiek. Antirracisme - Brasilië. Gama, Luiz, 1830-1882 - Kritiek en interpretasie.

SUMÁRIO

| | | |
|----------|---|----|
| 1 | INTRODUÇÃO | 10 |
| 2 | A ESCRAVIDÃO NO BRASIL | 12 |
| 2.1 | CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA | 12 |
| 3 | A LITERATURA AFRO BRASILEIRA | 14 |
| 3.1 | LUGAR DE FALA | 14 |
| 3.2 | LITERATURA NEGRO-BRASILEIRA OU LITERATURA AFRO-BRASILEIRA: NOMENCLATURAS CARREGADAS DE IDEOLOGIAS | 18 |
| 4 | LUIZ GAMA: O PRECURSOR DA LITERATURA NEGRA | 21 |
| 4.1 | A VIDA DE LUIZ GAMA | 21 |
| 4.1.1 | Luiza Mahin | 22 |
| 4.1.2 | Aspectos da vida familiar | 27 |
| 4.1.3 | Luiz Gama: carreiras jurídica e literária caminham juntas | 27 |
| 4.1.4 | A subversão das características físicas da mulher negra por Gama: um capítulo a parte | 30 |
| 4.1.5 | As últimas páginas da vida do “Poeta da negritude” | 31 |
| 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 32 |
| | REFERÊNCIAS | 34 |

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivos discorrer sobre a origem e os conceitos da literatura afro-brasileira e fazer um estudo da vida e obra do escritor Luiz Gama. O precursor da literatura com temática voltada para a população negra. Sobre esse escritor interessa-nos a importância histórica de sua militância na causa negra. Assim como não poderia deixar de referenciar detalhes sobre a vida de sua mãe, a guerreira Luísa Mahin. E da participação dessa na Revolta dos Malês, conjuntamente com alguns dados históricos do levante de 1835.

A decisão de estudar a obra de Luiz Gama no presente trabalho foi considerada por ser ele um escritor que resistiu ao racismo e que pelo uso da palavra defendeu sua ideologia exaltando a negritude do Brasil. Os textos de Gama encerram a representatividade negra dentro da literatura salientando a importância da pertença e a beleza de ser negro. E assim conseguem resgatar a autoestima usurpada pelo racismo¹ estrutural² introjetado na sociedade brasileira ao mesmo tempo em que suas obras atemporais levam o leitor a refletir sobre o lugar de fala do negro, redescobrir-se e ressituar-se no espaço social.

Em se tratando das especificidades da literatura afro-brasileira serão mostradas suas nuances históricas e socioculturais, enfatizando a importância dessas para a construção identitária do sujeito negro. Para iniciarmos as considerações sobre a literatura afro-brasileira, mostraremos como alguns textos já anunciavam o que depois viria a ser conceituado como pertencente a essa categoria de produção literária. Destacadamente durante o período romântico, época em que se buscava a valorização dos aspectos culturais brasileiros para ‘criar a cor local’. Naquela época deixa-se o negro de fora ou o marginaliza, valoriza-se o herói branco com feições europeias e constrói-se uma versão romantizada do indígena com características culturais muito distantes da verossimilhança. É nesse período que escreve o autor Luiz Gonzaga Pinto da Gama, ou Luiz Gama. O poeta, assim como a autora Maria Firmina dos Reis são alguns dos muitos negros que escreveram seus textos no ‘Brasil Romântico’ e foram totalmente negligenciados até bem pouco tempo e que, embora hoje sejam objeto de pesquisas, continuam fora do cânone³.

Voltando às características do ideal social romântico de instituir a cor local na literatura essa não só desvinculava o sujeito negro da sociedade nacional como cumpria o seu papel no processo de branqueamento da população. Esse processo pretendia atender aos ideais

¹ Práticas e atitudes que visam à discriminação de sujeitos ou grupos.

² Entende-se como conjunto de práticas que disseminam o racismo de forma velada. Reforço de práticas racistas introjetadas na sociedade e que ‘maquiam’ a violência do preconceito.

³ Em literatura consiste no conjunto de livros considerados como referências.

eugenistas⁴ que norteava a primeira metade do século XX e visava classificar os seres humanos através de uma hierarquização pautada em traços fenotípicos como a cor da pele e o formato do crânio. A teoria supracitada visava subtrair o negro da sociedade e relegá-lo ao papel de objeto ou de simples mercadoria sem nenhum direito civil ou humano.

No que tange ao fator histórico trataremos do período colonial. Salientando que a sua duração varia de acordo com a perspectiva histórica e pode ser encontrado como vigente entre (1500 e 1882), quando conquistamos a independência. Mas também entre 1500 e 1808, quando chega à corte portuguesa e quando o nosso país deixa de ser colônia para assumir a nova condição de Reino Unido a Portugal. Durante esse período, a economia portuguesa era baseada na exploração das colônias. Tendo num primeiro momento atividades como a extração de pau-brasil e a exploração da mão de obra indígena. E em um segundo momento, o cultivo da cana-de-açúcar e posteriormente a extração do ouro e o cultivo do café. É também esse o período em que se inicia o sistema escravagista. Esse sistema é assim conhecido por ter sido a época em que começaram a ocorrer os sequestros de africanos para serem usados na produção açucareira como mão-de-obra escravizada. Assim começou um período de violência, exploração e mortes prematuras de escravizados, bem como a consequente reação desses contra a sociedade que os massacrava.

Foi nesse contexto histórico que viveu Luiz Gama e sua mãe, Luísa Mahin. Essa participou intensamente das reações conhecidas como revoltas ou levantes, destacadamente a Revolta dos Malês, da qual abordaremos mais adiante. Trataremos, pois desse contexto histórico como parte fundamental do nosso trabalho.

Trataremos também do artigo 26-A da atual Constituição Nacional promulgada em cinco de outubro de 1988. O citado artigo trata da lei 10.639, de janeiro de 2003. Lei essa que versa sobre a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura afro-brasileira. Conteúdo diretamente relacionado com nossos interesses de pesquisa.

A referida lei trata-se de um passo valoroso para o reconhecimento da importância cultural do negro na formação da sociedade brasileira. A implementação da lei 10.639 foi uma decisão política que visava resgatar a cultura e a história negra. Sendo essas fundamentais para a construção da sociedade brasileira. Tendo em vista que o negro foi durante mais de 400 anos omitido pela literatura brasileira ou relegado à marginalidade.

⁴ Teoria criada por Francis Galton baseada na ideia racista de hierarquização das raças de acordo com traços fenotípicos como: tamanho do crânio, cor da pele e textura capilar. Essa teoria racista foi intensamente usada para indulgenciar o domínio europeu nas colônias e até hoje é usada como fundamento para a discriminação e a marginalização de negros e indígenas.

A história da literatura brasileira tradicional quase não menciona os escritores negros. E quando o faz essa imagem é sempre carregada de estereótipos perpetuados até hoje nas obras canônicas.

Todavia, historiadores e literatos contemporâneos debruçaram-se sobre textos pouco conhecidos e propõem-se a estudar as obras de escritores e escritoras negras para trazer a público esses escritos. Para isso foram coletados materiais como textos em prosa e verso, esculturas e documentos, entre outras fontes históricas. E a partir dos resultados da pesquisa foram elaboradas antologias como o **Quilombo de Palavras** (2000), organizada por Jônatas Conceição e Lindinalva Barbosa com textos poéticos. Bem como os **Cadernos Negros** (1978), Coletânea publicada pelo Movimento Quilombhoje que revezam anualmente publicações em prosa e em verso. Essas publicações trazem o resgate de aspectos tradicionais da cultura negra como a ancestralidade e a religiosidade.

As citadas antologias foram fundadas por escritores e colaboradores negros como a escritora mineira Conceição Evaristo e o paulista Cuti. Ambos militantes nas lutas pela igualdade racial.

Através de publicações como as supracitadas, é que se fez conhecer a obra de diversos autores como o poeta negro Luiz Gama que atuou ativamente na literatura e nas leis em prol dos escravizados e de toda população negra.

Luiz Gama viveu entre 1830 e 1882 e dividiu seus anos entre a família, a magistratura e as letras. Sendo assim considerado o precursor da literatura afro-brasileira.

Trataremos de diversos aspectos da literatura de Gama que serão contextualizados com as perspectivas históricas de sua vida. Observando o que Evaristo chama de ‘escrevivências⁵’, assim como aspectos estilísticos do autor.

2 A ESCRAVIDÃO NO BRASIL

2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

O presente trabalho pretende trazer informações pertinentes a Literatura Afro-brasileira e o estudo da obra e dos aspectos da vida do poeta Luiz Gama que viveu e escreveu em pleno século XIX durante período escravagista. Assim sendo faz-se importante ressaltar

⁵ Termo cunhado pela escritora Conceição Evaristo para referenciar a influencia do cotidiano e da ancestralidade em sua experiência literária.

alguns aspectos sobre esse período. A escravização no Brasil teve início com a produção açucareira na primeira metade do século XVI. O açúcar era nesse tempo o principal produto econômico para Portugal, que por não possuir terras suficientes, tampouco solo ou clima propício para esse tipo de produção agrícola, instalou sua plantação na colônia brasileira. A partir daí e com a desculpa da necessidade de mão de obra para a plantação, iniciou-se o processo de escravização dos africanos, um dos mais terríveis da nossa história. A escravização pode ser definida como o processo caracterizado pela total privação da liberdade.

Desse modo entende-se que o escravizado era um prisioneiro que deveria obedecer sem questionar todas as ordens. Para além da submissão, o cativo poderia ser exposto a extenuantes jornadas de trabalho e castigos físicos. Esses castigos eram impostos por inúmeros instrumentos de tortura usados, segundo os escravagistas, como forma de ‘domesticar os seres selvagens e inferiores’. Sobre esse sistema e as condições de vida dos escravizados Reis (1986) pontua que:

Durante os 400 anos que durou, o escravismo brasileiro consumiu muitas gerações de africanos. A população escrava se caracterizava pelo alto índice de mortalidade infantil e curtíssima expectativa de vida, ambos os resultados das péssimas condições de vida, trabalho e maus tratos. [...] a escravidão era sistematicamente realimentada pela importação de africanos, pois os que chegavam não criavam descendência suficiente para expandir ou mesmo manter o sistema econômico. (REIS, 1986, p.17).

Porém, antes de todo sofrimento vivido pelos africanos nas lavouras brasileiras, esses passavam por um processo semelhantemente doloroso em África. Num primeiro momento eram caçados e capturados como animais e assim separados de seus familiares, para logo depois serem levados aos porões dos navios tumbeiros onde eram forçados a viajar em condições sobre humanas passando por todo tipo de privações e humilhações. Muitos não agüentavam a longa e dolorosa jornada e morriam antes de chegar ao Brasil. Já em terra, os que conseguiam sobreviver eram vendidos ali mesmo nos portos como se fossem mercadorias. E ainda sofriam outra forma de humilhação, o isolamento linguístico, ou seja, eram separados daqueles que falassem o mesmo idioma.

Com o uso dessas práticas os portugueses intentavam inibir revoltas e relações amistosas entre os prisioneiros e assim conseguir o total domínio desses. O sistema escravagista ocorreu entre os séculos XVI e XIX. E mesmo com toda a violência os negros conseguiram manter vivas algumas particularidades linguísticas e culturais que se tornaram de fundamental importância para a formação do povo brasileiro contribuindo assim com a nossa

riqueza cultural. Levantes como o dos Males ocorriam com frequência na Bahia do início do século XIX. Africanos e negros brasileiros se rebelavam contra a violência do escravagismo e mesmo conseguindo a liberdade eram tratados como objetos. Sem a proteção das leis e expostos a novas escravizações, sem cidadania e exercendo trabalhos subalternos. Reis (1986) discorre sobre essa questão:

Em rebeliões espontâneas ou planejadas, na capital e nas vilas do Recôncavo, nos engenhos e armações de pesca, os escravos africanos mantiveram os senhores em constante insegurança. Em várias ocasiões os rebeldes tiveram seus planos frustrados e não foram além da conspiração. Por vezes, contaram com um número significativo de participantes, que outras vezes não passaram de uma dezena. Invariavelmente foram derrotados, em alguns casos de maneira brutal, mas essa insubmissão permanente criou uma tradição de audácia que impregnaria as relações escravistas e étnicas na Bahia nesse período.[...] (REIS, 1986, p. 64).

3 A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA

3.1 LUGAR DE FALA

A literatura afro-brasileira ou negra tem como um dos objetivos mostrar a cultura negra sob a ótica do que se caracterizou chamar ‘lugar de fala⁶’. O que poderia ser explicado como o negro assumindo seu lugar na perspectiva da temática negra. Ou seja, a literatura escrita pelo sujeito da ação. Não mais por vozes não autorizadas pelos negros. Vozes essas que em sua maioria deturpavam a conduta do sujeito negro relevando-os aos piores níveis de caracterização. Sendo assim a literatura afro-brasileira tem a intenção de subverter a representação dada ao negro até então. E desse modo mostrar sua relevante participação na constituição da sociedade brasileira e lhes devolver um lugar negado pela Literatura Brasileira Tradicional.

Porquanto para marcar a importância do elemento negro na formação cultural brasileira foi promulgada a Lei n 10.639, de janeiro de 2003 em substituição a Lei n 9.394, de 20 de dezembro de 1996. A referida lei de 2003, trata de uma iniciativa do governo de tornar obrigatório no currículo oficial da rede de ensino o estudo da História e Cultura Afro-Brasileira. De acordo com a Constituição Nacional (Brasil 1988).

⁶ Aqui entendido como o direito das minorias de se fazer ouvir e se expressar a partir da escrita de suas experiências e inquietações.

Artigo 26-A da Constituição Nacional de 1988. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o *caput* deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e políticas pertinentes à História do Brasil.

§2º Os conteúdos referentes à história e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e Histórias brasileiras. (Brasil 1988).

Visando fazer o resgate da cultura negra, como referido na lei acima, foram escritos diversos trabalhos para estudar tanto a literatura quanto a cultura afro-brasileira. Trabalhos esses que trazem conteúdo aprofundado sobre as diversas fases, os autores, e as obras que constituem a história do negro nas letras. E também pontuam os principais movimentos e vertentes artísticas que fazem, parte das lutas pela preservação dessa cultura. São coletados poemas, esculturas, textos e documentos que procuram resgatar a identidade dos descendentes de escravizados. Os quais tiveram suas raízes deturpadas e sua dignidade roubada. E viram sua história ser contada através do olhar do colonizador. Pela necessidade de se ter a voz do escravizado e de seus descendentes, assim como de mais informações sobre a presença do negro na escrita ao longo da história do Brasil, é que se faz necessário o presente estudo.

Em contrapartida ao que se conhece a partir da chamada literatura canônica sobre a não participação do negro na cultura escrita. Esse escreveu e escreve sobre suas vivências e dores. Ou ainda usando um termo cunhado pela escritora Conceição Evaristo, sobre as suas escrevivências. Dessa forma, pode-se entender quando Duarte (2011) ressalta:

Sobretudo no passado: falar de sua condição de escravizado, ou de homem livre na sociedade escravocrata, levantar sua voz contra a barbárie do cativo; ou, já no século XIX, enquanto sujeito dolorosamente integrado ao regime do trabalho assalariado; ou excluído e submetido às amarras do preconceito, com suas mordidas. Apesar de tudo, muitos falaram, escreveram, publicaram. (DUARTE, 2011, p.19).

Ressaltando a marginalização do negro pelo cânone e contrapondo-se ao que diz Duarte à literatura brasileira do século XIX, destacadamente o movimento romântico. O movimento romântico desejava colocar as singularidades do país em suas obras, a chamada “cor local”. E teve um papel fundamental na marginalização do sujeito negro. Essa literatura trazia como descreve o autor Sílvio Oliveira, o “ufanismo” tão comum nesses escritos. Usado talvez para elevar a estima do povo massacrado pelo sistema colonial Essa literatura trazia entre seus aspectos a negação do elemento negro e a mistificação do elemento indígena. A

literatura tradicional brasileira tem grande responsabilidade na omissão de autores negros pelo cânone. Durante cinco séculos poucos foram os autores negros que figuraram nas academias, e aqueles que conseguiram fazer parte desse seleto grupos tiveram suas feições embranquecidas. Entre eles Mario de Andrade e o célebre Machado de Assis.

A título de elucidação, abriremos um parêntese para explicitar que o processo de embranquecimento se dava através do clareamento das imagens dos autores provocando assim a impressão de que os mesmos tinham a pele branca.

Contudo sobre a recente emersão de autoras e autores negros como Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus e do atemporal Luiz Gama, podemos constatar que só foram conseguidas pela militância de movimentos literários e culturais negros. Tais movimentos foram e ainda são o meio de circulação e divulgação dessas obras. A literatura brasileira do período nacionalista é caracterizada por obras que traziam a visão do colonizador e sacralizavam heróis com valores europeus.

Autores como José de Alencar e Bernardo Guimarães que em obras como: **O Demônio Familiar** (2003) e **A Escrava Isaura** (1998) traziam o preconceito atrelado a estereótipos do negro. Esses quando não figuravam como seres execráveis tinham suas características físicas embranquecidas para assumirem o papel de herói. Esses autores são os que ainda hoje vemos serem estudados nas instituições de ensino. Contrapondo a obras como as de Alencar e Guimarães temos alguns trabalhos como: **Primeiras Trovas Burlescas De Getulino** (2000) do poeta Luiz Gama, trazendo textos elucidativos sobre a participação de autores que produziram obras de temática negra nesse período. A partir da obra de Luiz Gama escrita em pleno regime escravocrata, quando era negado aos negros o acesso à educação formal, podemos perceber o negro ganhar voz e assim poder dar sua versão dos fatos ocorridos na escravidão e ter sua história agora narrada sob a perspectiva das vítimas, os escravizados e seus descendentes. Passando assim ao lugar de fala com a autoridade de quem vivencia a opressão e o racismo no seu dia-dia. Sobre esse aspecto Dalcastagnè em seu artigo 'Um território contestado: literatura brasileira contemporânea e as novas vozes sociais'. Dalcastagnè (2012) pontua da seguinte forma: “desde os tempos em que era entendida como instrumento de afirmação da identidade nacional até agora, a literatura brasileira é um espaço em disputa. Afinal, está em jogo a possibilidade de dizer sobre si e sobre o mundo” (DALCASTAGNÈ, 2012, p.13).

Sendo assim a vertente negra da literatura vem desde os seus primórdios reivindicar o espaço do negro. Com suas especificidades como as características fenotípicas e sociais marginalizadas nos escritos e que agora tomam forma para subvertem-se positivamente. E

passam a ser usados como elemento de elevação do negro e de seus descendentes. No que tange a literatura afro-brasileira Bernd (1992), explica que essa seria:

Tentativa de preencher vazios criados pela perda gradativa da identidade determinada pelo longo período em que a “cultura negra” foi considerada fora-da-lei, durante o qual a tentativa de assimilar a cultura dominante foi o ideal da grande maioria dos negros brasileiros. (BERND 1992, p. 22-23).

E apesar do que nos é passado pelos livros de história à escravidão não foi aceita passivamente pelos escravizados. Recentes estudos deixam claro que esses lutaram. E uma das formas de combate foi à literatura. Ela foi o meio usado por autores como o já citado Luiz Gama, “o poeta e advogado dos negros”, Abdias do Nascimento, poeta, ator dramaturgo e ativista na causa negra, assim como o poeta e ativista político Solano Trindade e a escritora Maria Firmina dos Reis para combater o racismo e denunciar a escravidão. Maria Firmina dos Reis é o exemplo de autoria feminina que em pleno regime escravagista escreve sob o pseudônimo de “uma maranhense”. A autora em sua obra, *Úrsula* (1988), através da fala da personagem Mãe Suzana e tendo como pano de fundo o amor entre o casal de brancos Úrsula e Tancredo traz a denúncia do sofrimento dos escravizados. Rememorando desde a captura em África até os tormentos passados nas lavouras do Brasil.

Relacionando o a questão da omissão do cânone aos autores supracitados Duarte (2011) acredita que:

A omissão da maioria desses autores é comum nas obras de crítica e historiografia literárias, responsáveis pela institucionalização do cânone. Uma consulta, pequena que seja, revela a ausência de nomes como os dos citados Luiz gama ou Solano Trindade na maioria dos manuais de história da literatura brasileira. Doutra parte, quando inseridos, prevalece um olhar formalista propenso a isolar o texto da situação histórica e social que envolve a sua produção e, até mesmo, a tendência em considerar tais escritores como alienados quanto à condição de descendentes de africanos (DUARTE 2011, p.26).

Para além de autores e obras referentes à literatura ‘afro,’ ou ‘negro-brasileira’. Essa vertente literária apresentam movimentos importantes para a causa negra no mundo. O Renascimento Negro da década de 1920 nos Estados Unidos e o Movimento Négritude, da década de 1930 na França.

Na coletânea organizada pelas pesquisadoras Florentina Souza e Maria Nazaré Lima. A autora Maria Nazareth Soares Fonseca explica que:

Por se sentirem expurgados de uma sociedade que, embora construída com o trabalho escravo, não os absorveu como cidadãos, os poetas do *Renascimento Negro* norte-americano apresentam ao mundo um novo canto, modulado com fortes referências de uma África ancestral[...] A literatura negra absorve os elementos contestatórios em ebulição nos Estados Unidos e os leva a outros espaços: Caribe, França, Portugal e até mesmo Brasil[...] (SOUZA, 2006, p.32).

E Assim escreve sobre o movimento Negritude:

[...] *Negritude*, movimento surgido na década de 1930, em Paris, que tem como principais fundadores os escritores do Senegal, Aimé Césaire, da Martinica, e Leon Damas, das Guianas Francesas. Pode-se dizer que, no início, *Negritude* foi um movimento de intelectuais nascidos na África ou em espaços colonizados pelos franceses e teve como principal meta lutar pelo fortalecimento da consciência e do orgulho de ser negro. O *Negritude* terá influência capital na formação dos nacionalismos que empreenderão as independências de diversas regiões africanas a partir dos anos 1960. (SOUZA, 2006, p.33).

Subversão do seu papel social através de expressões culturais como a música, a poesia e as narrativas orais. Assim como a influência desses nas lutas de libertação dos países africanos.

3.2 LITERATURA NEGRO-BRASILEIRA OU LITERATURA AFRO-BRASILEIRA: NOMENCLATURAS CARREGADAS DE IDEOLOGIAS

Mesmo entre os estudiosos há divergência sobre o conceito: ‘negro’ e o prefixo ‘afro’. Para alguns escritores o negativo é que os termos podem ser usados na caracterização das particularidades de uma cultura em especial e por esse motivo poderiam ser considerados excludentes. Para outros, o positivo é que essa particularização é necessária para não haver a minimização de uma cultura em detrimento de outra.

Outra polêmica seria a causada pela escolha de alguns autores em usar os termos ‘afro’ ou ‘negro’ em suas produções. A pesquisadora Maria Nazareth Soares Fonseca dá como exemplo o fato de autores que se assumem negros e ou afrodescendentes não figurarem entre os escritores canônicos estudados nas escolas. Isso poderia ser explicado pelo preconceito direcionado aos termos. O que faria as produções serem rejeitadas na seleção do material a ser estudado.

Então pela eminência de se ouvir os afrodescendentes. A literatura afro-brasileira precisa ser vista em suas particularidades. E para tanto faz-se necessário o uso dos termos já

citados. Esses são carregados de ideologia e demonstram claramente o posicionamento de seus usuários.

Resolvido o problemática do uso ou não dos termos para nomear essa literatura. Surge outra questão que gera bastante divergência entre os literatos. Qual deles seria o mais apropriado a ser usada pela vertente da literatura com temática negra?

Para alguns os termos com o prefixo ‘afro’ seriam suficientes para nomear os escritos que abordam a causa dos descendentes de africanos. Entretanto para outros como Cuti. Pseudônimo de Luiz Silva importante literato, poeta e um dos fundadores da antologia Quilombhoje e da série Cadernos Negros. Para ele ambos os termos estão carregados de ideologia e referem-se a significados literários diversos. Assim, Cuti (2010), ressalta que:

A denominação de um recorte da literatura traz em si propósitos diversos. Por princípio, pretender dar destaque a um corpus é realçar uma seleção. Sabe-se que quem seleciona estabelece critérios para tal. As denominações estariam balizadas por um propósito de reunir escritos que tivessem algo em comum, capaz de estabelecer algum contraponto com outras reuniões ou com o restante do conjunto do qual a seleção faz parte, iluminando um detalhe do todo. [...]. A produção literária de negros e brancos, abordando as questões atinentes às relações inter-raciais, tem vieses diferentes por conta da subjetividade que sustenta. (CUTI, 2010, p. 33).

Para Cuti o uso dos citados termos seria uma forma encontrada pela hegemonia branca para disseminar o mito da democracia racial⁷. Ele ainda afirma que os termos acabam deslocando essa vertente da literatura brasileira e colocando-as no continente dos antepassados africano onde as questões sociais do negro no Brasil não seriam postas em discussão. Cuti (2010) ainda sustenta que:

“Afro-brasileiro” e “afrodescendente” são expressões que induzem a discreto retorno à África, afastamento silencioso do âmbito da literatura brasileira para se fazer de sua vertente negra um mero apêndice da literatura africana. (Em outras palavras é como se só à produção de autores brancos coubesse compor a literatura do Brasil). [...] Atrelar a literatura negro-brasileira à literatura africana teria um efeito de referendar o não questionamento da realidade brasileira por esta última. A literatura africana não combate o racismo brasileiro. (CUTI, 2010, p. 35-6).

Ele exemplifica expondo o fato de que os termos com prefixo ‘afro’ sempre foram usados nos meios acadêmicos enquanto o termo ‘negro’ vem sendo usado pelos grupos de autores responsáveis pelas obras que trazem a cena os textos de escritores negros. Ou seja, fora dos meios acadêmicos.

⁷ Noção usada para divulgar a idéia da existência de uma raça brasileira e assim camuflar a violência do racismo.

O literato vai além e defende o termo negro como o único que abrange toda a expressividade da literatura feita pelo ou para o negro. Uma vez que só ele carrega a visão e o daquele que foi mal tratado. Assim sendo a literatura usada como forma de subversão da imagem do negro. A literatura que se propõe dar ao negro o seu lugar de direito. A literatura que não se submete aos padrões canônicos e que ao longo dos séculos vem se firmando e se redescobrimdo essa deve ser chamada de literatura negro-brasileira.

Da mesma forma a pesquisadora Maria Nazareth de Jesus discute sobre a polêmica gerada pelas várias conotações dadas as expressões: ‘Literatura negra’ e ‘Literatura afro-brasileira’. Ela explica que a expressão ‘negro’ está ligada aos movimentos que surgiram nos Estados Unidos e Caribe e que motivaram uma leitura voltada para a necessidade de conscientização quanto às questões de identidade e cultura dos povos africanos e afrodescendentes. Já a expressão ‘afro-brasileira’ diz respeito às ligações entre o ato criativo e a sua relação com a África, no contexto brasileiro. Com efeito a autora busca elucidar a acepção contida em cada um dos termos usados e a significação que esses conotam.

Ainda sobre nomenclatura, Duarte trás a uma discussão sobre a motivação de autores negros que não verbalizam em seus textos a herança genética herdada de seus antepassados. Para ele uma das causas desse não reconhecer-se negro, pode estar ligada a introjeção do racismo. Fazendo com que brancos, negros e mestiços de pele clara. Reneguem traços seus traços fenotípicos tendo como base as ideias eugenistas. As quais pregam a superioridade da etnia ariana sobre todas as outras.

A eugenia e como já explicado em nota de rodapé. Foi a justificativa usada pelos europeus para legitimar a dominação de povos africanos trazendo um sistema de horror e sacrifício desses e até hoje surte efeito nas sociedades as quais foram submetidas. No Brasil as ideias eugenistas foram aceitas e tiveram ampla divulgação de intelectuais como o advogado Monteiro Lobato. Após a queda dessas teorias outras formas de discriminação, agora mais implícitas, surgiram. Uma delas defendida até hoje foi o “mito da mestiçagem espontânea” exposto pelo sociólogo Gilberto Freyre principal defensor dessa ideia. ‘Sobre Eugenia e democracia racial ressalta-se que ambos os termos já foram explicados nas notas de rodapé.’

Segundo ele não existe racismo no Brasil e isso se deve ao fato de sermos todos resultantes de relações inter-raciais passivas e acordadas entre as partes étnicas envolvidas nesse processo. Freyre afirma que:

Entre nós os indivíduos de evidente origem africana não se sentem “africanos” ou “negros”, mas brasileiros: tão brasileiros quanto os mais puros descendentes de índios; tão brasileiros quanto os filhos de portugueses. (...) Devemos estar vigilantes,

os brasileiros de qualquer origem, sangue ou cor, contra qualquer tentativa que hoje se esboce no sentido de separar, no Brasil, “brancos” de “africanos”; ou “europeus” de “vermelhos”, de “pardos” ou de “amarelos”, como se o descendente de africano devesse se comportar aqui como um neoafricano diante de inimigos, e o descendente de europeus como um neoeuropeu civilizado diante de bárbaros. (FREYRE, 1948, p.8 *apud* DUARTE, 2011).

Contra esse mito os movimentos literários reagem reafirmando a luta contra a discriminação. Os Cadernos Negros trazem no prefácio do seu primeiro número uma citação sobre a literatura engajada. O trecho revela um discurso contra o apartheid. Sistema de segregação racial vigente na África do Sul de 1948 a 1994. E traz a seguinte afirmação:

Fazemos da negritude aqui posta em poesia, parte da luta contra a exploração social em todos os níveis, na qual somos os mais atingidos”. A luta e a literatura armada contra o preconceito são, pois, signos recorrentes em todas as margens do Atlântico Negro. (...) (CADERNOS NEGROS, 1, 1978, p. 2-3 *apud* DUARTE, 2011).

Combatendo toda a alienação causada pelo mito freyriano ao mostrar que não existe a tão divulgada igualdade racial brasileira. E, com efeito, mostra a participação efetiva dos negros na divulgação cultural brasileira. Além de elucidar fatos como as lutas pela libertação e valorização da negritude e trazer a público autores e obras pouco conhecidos. Entre eles destacaremos no próximo capítulo o “Poeta da Negritude”, Luiz Gama.

4 LUIZ GAMA: O PRECURSOR DA LITERATURA NEGRA

4.1 A VIDA DE LUIZ GAMA

Luiz Gonzaga Pinto da Gama nasceu na Bahia na cidade de Salvador em 21 de junho de 1830 e faleceu no dia 24 de agosto de 1882. Pouco se sabe sobre a sua infância, mas, alguns dados são revelados na carta escrita por ele para seu amigo o jornalista Lúcio de Mendonça em 1880, onde o ‘Orpheu de carapinha’ conta suas experiências. No trecho a seguir, Gama fala sobre sua infância;

Nasci na cidade de S. Salvador, capital da província da Baía, em um sobrado da Rua do Bângala, formando ângulo interno, em a quebrada, lado direito de quem parte do adro da Palma, na Freguesia de Sant’Ana, a 21 de junho de 1830, pelas 7 horas da manhã, [...] (GAMA, 1880 *apud* FERREIRA, 2008, p. 304).

Gama viveu na Bahia até 1840. Seu pai, um fidalgo português de nome desconhecido, após ter gasto todo o dinheiro em farras e jogos, decidiu vender o filho, uma criança negra, para um traficante de escravizados. Luiz Gama tinha 10 anos quando foi levado ao porto e trocado por alguns vinténs. Em seus textos o autor invariavelmente mostrou sua indiferença pela figura paterna. Sobre isso cita o poeta em sua carta autobiográfica:

[...] Meu pae não ousou afirmar que fosse branco, porque tais afirmativas, neste país, constituem grave perigo perante a verdade, no que concerne á melindrosa presunção das cores humanas, era fidalgo e pertencia a uma das principais famílias da Baía, de origem portuguesa. Devo poupar à sua infeliz memória uma injúria dolorosa, e o faço ocultando o seu nome. Ele foi rico; e, nesse tempo, muito extremoso para mim: criou-me em seus braços. Foi revolucionário em 1837. Era apaixonado pela diversão da pesca e da caça; muito apreciador de bons cavalos; jogava bem as armas, e muito melhor de baralho, amava as súcias e os divertimentos: esbanjou uma boa herança, obtida de uma tia em 1836; e, reduzido à pobreza extrema, a 10 de Novembro de 1840, em companhia de Luiz Cândido Quintela, seu amigo inseparável e hospedeiro, [...] vendeu-me, como seu escravo, a bordo do patacho¹ “Saraiva”[...] (GAMA, *apud* Ferreira, 2008, p.305).

Em se tratando da mãe, Gama em seus textos exalta e declara seu amor por Luíza Mahin.

4.1.1 Luíza Mahin

Luíza Mahin foi uma figura importante para as lutas dos escravizados do século XIX. Assim como para a história dos africanos e afrodescendentes do Brasil. Segundo estudos sobre a mesma, Mahin teria nascido na Costa Mina em África pertencia à etnia jeje quando foi sequestrada e trazida ao Brasil como escravizada. Mahin participou da Revolta dos Malês em 1835. Segundo consta, ela era uma das poucas figuras femininas de destaque nas rebeliões acontecidas na Bahia. Mulher livre trabalhava como quituteira e tinha grande mobilidade pela cidade de Salvador. Por esse motivo o seu papel na revolta teria sido de transportar as notícias escritas sobre o levante e entrega-las aos companheiros de luta. Daí faz-se importante um breve estudo sobre o importante movimento de libertação.

A Revolta dos Malês foi uma rebelião ocorrida no ano de 1835 na cidade de Salvador. O movimento recebeu esse nome devido à efetiva participação de negros seguidores da religião muçulmana, conhecidos como malês. Há várias explicações para a origem do termo malês, mas usaremos esse termo em concordância com Reis (1986, p. 115) “Contudo a explicação que nos parece mais sensata até agora é a de Pierre Verger, que associa o termo malê a *imale*, expressão ioruba para islã ou muçulmano”.

O Inicialmente a rebelião estava marcada para eclodir na madrugada do dia 25 de janeiro daquele ano, mas devido à delação de alguns ex-escravizados, os líderes da revolta tiveram que antecipar a luta.

Assim começou o que seria o movimento pela liberdade mais conhecido da Bahia contando com a participação de 600 a 700 negros. A revolta dos malês foi marcada por diversos fatores que a diferenciavam dos demais movimentos ocorridos na Bahia nos anos 1800. Entre eles o fator religioso os líderes em sua maioria eram adeptos do islã. Assim como o fato de grande parte deles saberem ler e escrever e gozarem de certo prestígio entre os outros negros. E também, ou por esse motivo, a presença de escravizados de diferentes etnias seguindo a religião muçulmana. Sobre a questão da escrita o fato de muitos dos revoltosos saberem escrever foi o ponto que possibilitou aos estudiosos uma documentação bem maior que a de outras insurreições.

A insurreição dos malês tinha como objetivo principal libertar os escravizados da capital baiana e partir em direção ao Recôncavo, onde libertariam também os escravizados dos muitos engenhos situados naquele local. Para além da libertação e segundo alguns estudiosos, o movimento visava instituir um governo tutelado pelos ideais religiosos islâmicos que pregavam a elevação e a proteção de Alá para os que sofriam. Assim na noite do dia 24 de janeiro. Após denúncias da negra liberta Guilhermina. O então juiz de paz da Sé, Caetano Vicente de Almeida Galião chega ao sobrado onde os guerreiros estavam reunidos. O primeiro embate aconteceu na Ladeira da Praça área de Guadalupe, onde acontecia a reunião no sobrado de número 2 pertencente ao alfaiate, Domingos Marinho de Sá. Os insurgentes que se encontravam no local tiveram seus planos frustrados e resolveram agir no mesmo momento. Desse modo cerca de 50 a 60 negros saíram do sobrado armados com espadas e travaram luta com a patrulha da cidade. Após esse fato, grande parte dos insurgentes subiu em direção à Praça do Palácio. Enquanto o restante dispersou por outras ruas formando grupos que partiram para acordar outros companheiros e avisá-los da antecipação da revolta.

A partir daí, a luta foi sendo travada em sucessivos embates e diferentes “palcos”. O grupo que seguiu para o Palácio tinha como objetivo principal libertar um dos principais líderes do movimento: Pacífico Licutan; que se encontrava preso na cadeia municipal, assim como roubar as armas dos soldados. Enquanto o outro grupo batalhou em diferentes lugares como em frente ao Convento das Mercês, Pelourinho, Baixa dos Sapateiros indo em direção a Cidade Baixa. Esse grupo tinha o propósito de partir em direção a Santo Amaro e outras localidades do Recôncavo e angariar outros companheiros. Um deles o negro santamarense Pompeu. Entretanto as tentativas de tomada da cidade pelos malês começaram a ser repelidas.

Os guerreiros não conseguiram invadir a cadeia e, além disso, os grupos foram sendo dispersos pela guarda. Os malês resistiram bravamente até a manhã do dia 25 de janeiro, quando um grupo saiu às ruas no que seria uma última tentativa de revitalizar o movimento. Sobre esse episódio, Reis (1986) discorre:

Pelo menos dois grupos de africanos foram às ruas na manhã do dia 25, entre 5 e 6 horas, [...] Talvez não soubessem que a rebelião já tinha acontecido e fracassado. Mas é também possível que soubessem de tudo e mesmo assim apostassem na possibilidade de mobilizar os escravos da cidade à luz do dia e de um novo exemplo de ousadia. [...] (REIS, 1986, p.102).

Mas a repressão policial conseguiu barra-los violentamente. E após várias prisões e a morte de 60 á 70 negros, os prisioneiros e civis foram interrogados e apesar da insistência dos policiais a bravura dos malês foi maior e muitos deles não denunciaram seus companheiros e se recusaram a traduzir do árabe os, escritos apreendidos. A revolta passou a ser um marco da história negra do período escravagista revelando a não submissão do negro a um sistema cruel.

Assim teve fim o último levante de negros da Bahia. Numa demonstração de força e unidos pela religião os malês lutaram pela liberdade. Direito inalienável de todo ser humano independente de cor credo ou qualquer outro fator.

Logo após o fim do levante, Mahin consegue fugir para o Rio de Janeiro onde continua sua militância. Passado algum tempo não se teve mais notícias sobre ela tendo possivelmente sido deportada para a África, GAMA (2010) escreve;

Sou filho natural de uma negra, africana, livre da Costa Mina (Nagô de Nação), de nome Luíza Mahin, pagã, que sempre recusou o batismo e a doutrina cristã. Minha mãe era baixa de estatura, magra, bonita, a côr era de um preto retinto e sem lustro, tinha os dentes alvíssimos como a neve, era muito altiva, geniosa, insofrida e vingativa.

Dava-se ao comércio – era quitandeira, muito laboriosa, e mais de uma vez, na Baía, foi presa como suspeita de envolver-se em planos de insurreições de escravos, que não tiveram efeito.

Era dotada de atividade. Em 1837, depois da revolução do dr. Sabino, na Baía veio ela ao Rio de Janeiro, e nunca mais voltou. Procurei-a em 1847, em 1856 e em 1861, na Corte, sem que a pudesse encontrar. EM 1862, soube, por uns pretos minas que conheciam-na e que deram-me sinais certos, que ela, acompanhada com malungos desordeiros, em uma “casa de dar fortuna”, em 1838, fora posta em prisão; e que tanto ela quanto seus companheiros desapareceram. Era opinião dos meus informantes que esses “amotinados” fossem mandados pôr fora pelo governo, que, nesse tempo, tratava rigorosamente os africanos livres tidos como provocadores. Nada mais pude alcançar a respeito dela [...] (GAMA, apud, SANTOS, 2010, P. 17-18).

Luiza Mahin foi sempre motivo de orgulho e admiração do poeta vejamos a seguir o poema de Luiz Gama, “Minha mãe” dedicado a ela:

Era mui bela e formosa,
era a mais linda pretinha,
da adusta Libia rainha,
E no Brasil pobre escrava!
Ó, que saudades que eu tenho
dos seus mimosos carinhos,
quando co'os tenros filhinhos
ela sorrindo brincava.
Éramos dois – seus cuidados,
sonhos de sua alma bela;
ela a palmeira singela,
na fulva areia nascida.
Nos roliços braços de ébano
De amor o fruto apertava,
e á nossa boca juntava
um beijo seu, que era vida,
Quando o prazer entreabria
seus lábios de roxo lírio,
ela fingia o martírio
nas trevas da solidão.
Os alvos dentes nevados,
da liberdade eram o mito,
no rosto a dor do aflito,
negra a cor da escravidão.
Os olhos negros, altivos
dois astros eram luzentes;
eram estrelas cadentes
Por corpo humano sustidas.
Foram espelhos brilhantes
da nossa vida primeira,
foram a luz derradeira
das nossas crenças perdidas.
Tão terna como saudade
no fio chão das campinas,
tão meiga como as bobinas
aos raios do sol de abril.
no gesto grave e sombria,
Como a vaga que flutua,
Plácida a mente – era a Lua
Refletindo em céus de anil.
Suave o genio, qual rosa
ao despontar da alvorada,
quando treme enamorada
ao sopro d'aura fagueira.
Brandinha a voz sonora,
sentida como a rolinha,
gemendo triste sozinha,
ao som da aragem faceira.
Escuro e ledó semblante,
De encantos sorria a fronte,
- Baça nuvem no horizonte
Das ondas surgindo à flor;
Tinha o coração de santa,
era o seu peito de arcanjo,

mais pura nalma que um anjo,
 aos pés de seu Criador.
 Se junto á cruz penitente,
 a Deus orava contrita,
 tinha uma prece infinito
 como o dobrar do sineiro;
 as lagrimas que brotavam,
 eram perolas sentidas,
 dos lindos olhos vertidas
 na terra do cativoiro.” (GAMA *apud* GÒES, p. 125-127).

Pela leitura do poema, entende-se a adoração de Luiz Gama pela mãe. Ele a descreve como uma linda mulher. Figura virtuosa, devotada, carinhosa e que tinha pelo filho verdadeira adoração. O poeta tinha em sua mãe a figura da mulher negra, guerreira, e militante na causa da libertação. E refletido nela construiu a sua identidade. Luiza foi à inspiração de Luiz Gama para conduzir o seu projeto de vida. A luta contra o sistema escravagista. Quituteira fez uso da facilidade de circulação permitida pela sua profissão e pelas ruas de Salvador seguiu levando os as notícias das rebeliões. Luiz Gama armou-se das letras e do poder da palavra. Porém mãe e filho tiveram o mesmo objetivo de vida à igualdade de direito entre os povos.

Conhecido como “o rábula da liberdade” Luiz Gama segue para o Rio de Janeiro, a bordo do patacho. Após sua chegada, o jovem negro é levado junto com outros escravizados para a casa do português Vieira, um vendedor de velas, e lá relata em sua carta ter sido muito estimado pela senhora Vieira e suas três filhas. Mas a “estadia” em casa dos Vieira durou poucos dias e Gama, acabou sendo vendido ao contrabandista Antônio Pereira Cardoso. Em dezembro de 1840 é levado para Santos e de lá para a cidade de Campinas, tendo feito todo trajeto a pé.

Ao longo de sua peregrinação Luiz Gama foi por diversas vezes “escolhido” por algum comprador, porém, esses desistiam da compra assim que ficavam sabendo da sua origem baiana. A rejeição era devido às revoltas de escravizados que se propagaram na Bahia no início do século XIX, incluindo as dos Malês. Por esse motivo o poeta permaneceu em casa do contrabandista onde trabalhou como copeiro e sapateiro entre outros, até o ano de 1847.

Nesse ano, ele conheceu o estudante Antônio Rodrigues do Prado Junior que estando hospedado na casa em que servia o poeta, o ensinou a ler e escrever aos 17 anos.

4.1.2 Aspectos da Vida Familiar

Sobre sua família, Luiz Gama era casado com D. Claudina Fortunata Sampaio com quem viveu 10 anos e teve um filho, Benedito Graco Pinto da Gama, nascido no ano de 1859. O mesmo ano em que é publicada a primeira edição da sua única obra **Primeiras Trovas Burlescas de Getulino** (1859). Diferente do seu ímpeto nos tribunais o poeta em família era uma personalidade calma que mantinha contato com a natureza e adorava cultivar flores e criar pássaros. Na convivência e na educação dada a seu filho o poeta era enfático quanto à questão do conhecimento como forma de alcançar a cidadania.

Transcreveremos a seguir alguns trechos da carta escrita por esse instruindo-o. [...] crê, [...] que o estudo é o melhor entretenimento, e o livro o melhor amigo. Faze-te apóstolo do ensino, desde já. Combate com ardor o trono, a indigência e a ignorância. [...] (GAMA, 1870 *apud* SANTOS P. 76).

4.1.3 Luiz Gama: carreiras jurídica e literária caminham juntas

A partir aquisição da leitura e da escrita Gama tornou-se um leitor assíduo e só crescia sua sede de conhecimento. Assim em 1848, o jovem coletou documentos que comprovavam o abuso relacionado ao seu cativo conseguindo desse modo a liberdade pela qual lutou a vida inteira. E tornando-se o mesmo o seu primeiro caso de libertação. O primeiro entre centenas de cativos que conseguiram se libertar do jugo escravista pelas mãos do poeta da abolição. Foi assim que aos 18 anos, o poeta fugiu da vida de cativo e entrou para o exército. Vejamos alguns excertos da carta autobiográfica do poeta: “em 1848, sabendo eu ler e contar alguma coisa, tendo obtido ardilosa e secretamente provas inconcussas de minha liberdade, retirei-me fugindo, da casa do alferes Antônio Pereira Cardoso, [...] e fui assentar praça. [...]” (GAMA, *apud* SANTOS, 2010, p. 27).

A trajetória jurídica e literária de Luiz Gama é de suma importância para o entendimento da sociedade escravista colonial, a qual hostilizava e reprimia com violência os aspectos culturais de origem africana seja religiosidade, música, dança ou outros. Tudo isso com o propósito de incutir nos ‘negros espíritos’ a rejeição as suas origens. Em contrapartida Gama faz desses aspectos uma forma de sublimar a herança africana. Salientando a posição de Luiz Gama, escreve Duarte:

[...] Foi o primeiro escritor afro-brasileiro a resistir ao ideal de embaquecimento da sociedade da época, não apenas afirmando seu orgulho étnico, mas ainda zombando dos preconceitos raciais dos escravocratas com pretensões de nobreza e “pureza” de sangue. (DUARTE, *apud*, SANTOS, 2017, p. 63).

Dotado de extrema inteligência e dedicado a estudos em diferentes áreas, Gama, fez da literatura sua arma contra o preconceito tendo sido o primeiro a se identificar como negro. Exaltando sua origem e seus traços fenotípicos o poeta trouxe em seus versos a beleza de ser e de se assumir negro em um Brasil colônia hegemônico e racista como o do século XIX. O ‘Orpheu de Carapinha’ inaugura assim a chamada ‘literatura engajada’, em seu caso com o propósito de fazer o resgate da identidade negra e principalmente da dignidade e autoestima do sujeito negro. O poeta também traz em seus textos a denúncia da escravidão e de suas nuances desconhecidas como a conivência do imperador e da parcela da sociedade interessada em manter o regime escravocrata. Mesmo em face de leis como a Diogo Feijó, de 1831 e a Eusébio de Queiroz, de 1850. Segundo essas leis, estava proibido o tráfico de negros para o Brasil. Sobre esse fato Gama cita em seu poema ‘Quem sou eu?’

Que no século das luzes,
Os birbantes mais lapuzes
Compram negros e comendas,
Têm brasões, não-das Calendas,
E, com tretas e com furtos,
Vão subindo a passos curtos (GAMA, *apud* GÓES, P. 98).

Com tudo o transporte continuou intenso até finais daquele século. E teve em Gama um opositor ferrenho. Esse Após de ter solicitado por diversas vezes a permissão para cursar Direito e essa lhe ter sido negada, trabalhou como rábula e tomou a defesa dos escravizados. E o fez usando contra os magistrados as leis escritas pelos próprios e conseguiu libertar centenas de escravizados.

Motivo pelo qual recebeu apelidos como “Rábula da liberdade” e “Advogado dos escravos

Vejamos o seguinte excerto do poema ‘Quem sou eu?’ onde Gama critica a magistratura:

Não tolero o magistrado,
que do brio descuidado,
vende a lei, trai a justiça,
-faz a todos injustiça-
com rigor deprime o pobre,
presta abrigo ao rico, ao nobre,

E só acha horrendo crime,
 No mendigo, que deprime.
 -Neste dou com dupla força,
 té que a manha perca ou torça(GAMA, *apud* GÓES, p.98).

Nos versos acima, retirados do poema *Quem sou eu?* Luiz Gama usa da ironia para denunciar a corrupção do sistema legal no Brasil imperial. Por esse enxerto podemos perceber que a lei era usada em benefício dos ricos e só era válida na punição dos pobres. A magistratura foi um dos temas mais discutido por Gama. Em suas obras ele ataca o magistrado por sua incompetência e parcialidade nos julgamentos. Esse era um dos principais temas da sua crítica a sociedade colonial.

Mas não foi só nos tribunais que o autor atuou em defesa de suas ideias. O poeta foi fundador e colaborou em diversos jornais como, **Diabo Coxo e Polichinello** onde escreveu muitos de seus poemas e também sobre seu desprezo pela Monarquia. Sobre o Regime monárquico o ‘Precursor do abolicionismo no Brasil’ era inflexível em salientar que não cabia ao Brasil ser governado por um sistema político que pregava a diferença de direitos entre os cidadãos. Para ele, só a República instituiria à igualdade social no país e assim sendo, não poupava críticas e textos carregados de ironia e desprezo pela Monarquia. Além do império o poeta não poupou críticas a justiça, ao clero e a sociedade em geral. Temos um exemplo dessa crítica no trecho da carta publicada por Luiz Gama no Jornal **Correio Paulistano** em 3 de dezembro de 1869, ele escreve:

[...] Enquanto os sábios e os aristocratas zombam prazenteiros das misérias do povo; enquanto os ricos banqueiros capitalizam o sangue e o suor do escravo; enquanto os sacerdotes de Cristo santificam o roubo em nome do Calvario; enquanto a venalidade togada mercadeja impune sobre as aras da justiça, este filho dileto da desgraça escreve o magnifico poema da agonia imperial. Aguardo o dia solene da regeneração nacional, que ha de vir; e, se já não viver o velho mestre, espera depô-lo com os louros da liberdade sobre o túmulo que encerra as suas cinzas, como testemunho de eterna gratidão. (GAMA, 1869 *apud* SANTOS, p. 41).

Foi assim que em 1868 poeta foi demitido do cargo de amanuense da Secretaria de Polícia sendo acusado de subversivo, por fazer parte do Partido liberal, lutar pela instituição da República e principalmente por defender escravizados nos tribunais.

Sobre as vivências de Gama, Santos (2010) escreve. “A vida de Luiz Gama sugere um filme, com um roteiro de suspense e orgulho. Ainda que tenha vivido a mais cruel das condições humanas, ele não se dobrou à condição de escravo” [...] (SANTOS, 2010, p. 31).

4.1.4 A subversão das características físicas da mulher negra por Gama: um capítulo a parte

Sobre a importância da mulher negra nas obras de Gama, é imprescindível salientar o destaque dado por ele às características da mulher negra que tanto foram marginalizadas durante o período colonial. Sempre representada com a marca da sensualidade Gama consegue reverter esse olhar trazendo aspectos positivos dessas características. Para ele a mulher africana e afrodescendente é um ser de inigualável beleza. A pele negra é comparada a beleza da noite. Atributos como seios fartos e ancas largas devem ser venerados como dádivas divinas e exaltadas por todos os homens. Vejamos a transcrição do poema “Meus amores” no qual o autor ressalta a beleza dessas mulheres:

Meus amores são lindos, cor da noite
 Recamada de estrelas rutilantes;
 Tão formosa crioula, ou Tétis negra,
 Tem por olhos dous astros cintilantes.
 Em rubentes granadas embutidas
 Tem por dentes as pérolas mimosas,
 Gotas de orvalho que o inverno gela
 Nas breves pétalas de carmínea rosa
 Os braços torneados que alucinam
 Quando os move perluxa com langor.
 A boca é roxo lírio abrindo a medo,
 Dos lábios se distila o grato olor.
 O colo de veludo Vênus bela
 Trocara pelo seu, de inveja morta;
 Da cintura nos requebros há luxúria
 Que a filha de Cineras não suporta.
 A cabeça envolvida em núbia trunfa,
 Os seios são dous globos a saltar;
 A voz traduz lascívia que arrebatá,
 -É cousa de sentir, não de contar.
 Quando a brisa veloz, por entre anáguas
 Espaneja as cambraias escondidas,
 Deixando ver os olhos cobiçosos
 As lisas pernas de ébano luzidas.
 Santo embora, mortal que a encontra pára,
 Da cabeça lhe foge o bento siso;
 Nervosa comoção as bagas rompe-lhe,
 E fica como Adão no Paraíso.
 Meus amores são lindos, cor da noite,
 Recamada de estrelas rutilantes;
 Tão formosa crioula, ou Tétis negra,
 Tem por olhos dois astros cintilantes.
 Ao ver no chão tocar seu dois pés mimosos,
 Calçando de cetim alvas chinelas,
 Quisera ser a terra em que ela pisa,
 Torná-la em colher comer com elas.
 São minguados os séculos para amá-la,
 De gigante a estrutura não bastara,
 De Marte o coração, alma de Jove,

Que um seu lascivo olhar prostrara.
 Se a sorte caprichosa em vento, ao menos,
 Me quisesse tornar, depois de morto;
 Em bojuda fragata o corpo dela,
 As saias em velame, a tumba em porto,
 Como os Euros, zunindo dentre os mastros,
 Eu quisera açoitar-lhe o pavilhão;
 O velacho bolsar, bramir na proa,
 Pela popa rojar, feito em tufão.
 Dar culto à beleza, amor aos peitos,
 Sem vida que transponha a eternidade,
 Bem que mostra que a sandice estava em voga
 Quando Uranus gerou a humanidade,
 Mas já que o fato iníquo não consente,
 Que o amor, além da campa, faça vaza,
 Ornemos de Cupido as santas aras,
 Tu feita em fogueiro, eu feito em brasa. (GAMA, *apud* GÓES, 1944, p.141-142).

Em Meus amores Luiz Gama usa padrões do romantismo para subverter a imagem sensualizada da mulher negra. Em versos como; Tão formosa ceroula, ou Tétis negra/ ainda, O colo de veludo Vênus bela, o poeta se utiliza do padrão da mulher idealizada pelo romantismo que via a mulher como algo inatingível, e compara a mulher negra às deusas clássicas com características que remetiam a natureza e simbolizavam a virgindade, a delicadeza, a pureza e a perfeição. Sem a presença de sensualismo, como era comum na caracterização da mulher negra. Luiz Gama consegue assim subverter o papel negativo dado pela literatura à mulher negra saindo da visão sexista e passando ao lugar de rainha como muitas o fora em África.

4.1.5 As últimas páginas da vida do “Poeta da negritude”

Durante os seus breves 50 anos de vida o “Precursor do abolicionismo no Brasil” revelou através de seus textos, aspectos do Período Colonial e escravagista ofuscados pela literatura branca. Gama tratou de política, religião e sociedade com os olhos de quem viveram do lado inverso dessas instituições. Traçando um panorama impar das fases pré-abolicionista e pré-republicana. Do seu “lugar de fala” o autor denunciou os problemas recorrentes do Brasil Colônia. Racismo, hipocrisia clerical, corrupção da lei, hegemonia do poder imperial não passaram despercebidos ao crivo do poeta.

Foi assim que em 24 de agosto de 1889. Mesmo ano da Proclamação da República. Mas não pela sociedade civil como sonhava o poeta e sim pelos militares. Após mais um dia de muito trabalho em favor dos injustiçados falece Luiz Gama. Deixando em luto a população negra de São Paulo que perde o seu defensor, orientador, líder e muitas vezes provedor. O

poeta morre assim como viveu. Pobre, pois o pouco que ganhava transforma-se em investimento para seus trabalhos nos julgamentos.

Seu enterro foi um momento de raro respeito pelos negros. Por onde passava a caminho do Cemitério da consolação, deixava comoção e o sentimento de abandono entre os seus tão amados irmãos de cor. Assim escreveu Raul Pompeia, romancista e amigo do poeta sobre a notícia da sua morte:

- Serio, tristemente sério, afirmou-me o amigo.

[...] Era sério, era verdade. Aquele grande bemfeitor da humanidade não existia mais, aquele enorme coração, que só batia pelos outros, cessára de palpitar; aquela grande alma, feita de todas as nobrezas do character, dissolvera-se pelo desconhecido da morte. Eu amava-o. Votava-lhe a adoração humana que inspiram-me os largos espíritos cândidos de desinteresse. O seu passado lendário impunha um respeito amoroso que tributava-lhe, como as velhas coisas sagradas que lembram-nos uma tradição de sacrifício. [...]. (POMPÉIA *apud* SANTOS, 2010, p. 79).

Assim foi o poeta Luiz Gonzaga Pinto da Gama, um homem a frente do seu tempo. Idealista que lutou bravamente por justiça, liberdade e igualdade de direitos. Foi-se o homem, mas suas ideias ecoam até hoje em nossa sociedade e apesar de ter sido excluído por anos do cânone literário, hoje e aos poucos Gama vem recebendo o seu devido valor tanto de defensor dos negros como de um dos maiores nomes da literatura do período romântico e de todos os tempos no Brasil.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escrever sobre literatura afro-brasileira faz-se importante. No presente momento o Brasil passa por um retrocesso político, econômico e cultural no qual as minorias são as principais vítimas da violência do estado e da sociedade. E com a população negra sendo dizimada ao longo de 500 anos é preciso conscientizar e instruir os afrodescendentes sobre esse processo. Além disso, sendo a cultura elemento formador quando essa leva a reflexão. E a reflexão ao seu tempo leva a atitudes. Torna-se de suma importância o papel transformador da literatura afro-brasileira. Por esse motivo, mais do que nunca é preciso visitar a nossa história e trazer as vozes daqueles que viveram e vivem diariamente o racismo.

Por esse motivo é que trazendo o estudo da vida e da obra do poeta negro Luiz Gama, pretendemos mostrar a violência do sistema escravagista e os interesses econômicos que o

fizeram perdurar mais de três séculos. E sob a ótica do poeta que se autodenominou “Orfeu de carapinha”, tratamos aqui de denunciar o projeto de sublevação do negro implementado pela classe hegemônica brasileira desde a sociedade colonial e subverter os estereótipos marginalizadores usados para caracterizar os negros. Assim sendo tanto a literatura afro-brasileira contemporânea como as obras atemporais de Luiz Gama são de suma importância para a construção identitária da população negra no Brasil. Para tanto o trabalho trouxe ainda que de forma sucinta, a contextualização histórica do período escravocrata. Bem como de sua influência na literatura afro-brasileira (enfatizando que a mesma se deu pela subtração da dignidade dos africanos). Também foram apresentadas algumas considerações sobre o racismo baseado nas teorias eugenistas e de como essa serviu de pressuposto para as atrocidades cometidas contra indígenas e negros.

Para além desses temas versou-se sobre as rebeliões ocorridas no período escravocrata dando maior enfoque a Revolta dos Malês ocorrida na Bahia em 1835. Assim como proposições sobre Luísa Mahin, mãe do poeta Luiz Gama, e sobre a participação dessa nas rebelião supracitada.

Ademais estudou-se a vida e a obra de Luiz Gama traçando-se um paralelo entre ambas. Para tanto foram explanados trechos de poemas, bem como da carta autobiográfica desse além da mostra de alguns aspectos literários presentes em suas obras.

REFERÊNCIAS

- BERND, Zilar. **Introdução á Literatura Negra**. São Paulo: brasiliense, 1988.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Centro Gráfico, 1988.
- CUTI. **Literatura Negro-brasileiro**. São Paulo: Selo Negro. Edições, 2010.
- DALCASTAGNÉ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Vinhedo São Paulo: Editora Horizonte 2012.
- DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura e Afrodescendência no Brasil**. Antologia crítica. Belo Horizonte. Editora
- FERREIRA, Lígia Fonseca. **Luiz Gama por Luiz Gama: carta a Lúcio de Mendonça**. Tereza: revista do programa de Pós-Graduação de Literatura Brasileira da FFLCH/SP. São Paulo, 2008, p. 300 – 321.
- GÓES, Fernando. **Luiz Gama Trovas Burlescas & Escritos em prosa**. São Paulo: Edições Cultura. 1944
- GÓES, Fernando. **Luiz Gama, Trovas Burlescas & Escritos em Prosas**. Edições cultura. São Paulo, 1944.
- REIS, João José. **Rebelião Escrava no Brasil: a história do levante dos malês (1835)**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- SANTOS, Jair Cardoso. **Entre as leis e as letras: escritivências indenitárias negras de Luiz Gama**. Salvador: Quarteto, 2017.
- SANTOS, Luiz Carlos. **Luiz Gama / Luiz Carlos Santos – São Paulo: Selo Negro, 2010 – (Retratos do Brasil Negro / coordenada por Vera Lúcia Benedito)**.
- SOUZA, Florentina Maria; Lima, Maria Nazaré (orgs). **Literatura afro-brasileira**. Salvador: Centro de estudos afro-orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.